DISCURSO proferido pelo socio honorario Sr. Julio Cesar da Fonseca na sessão de 1 de Abril.

MEUS CONCIDADÃOS:

Seja-me permittido, antes de tudo, evocar um velho costume da Provence na idade média: nos banquetes deixava-se sempre um logar vago para um pobre. Neste banquete intellectual, é o meu logar. Sou pobre, um pobre da palavra. Venho occupal-o.

Graças mil sejam dadas ao Todo Poderoso por nos ter concedido assistir a este symposio de intelligencias e corações, sobre o qual paira o espirito genesiaco do nosso passado, que gera e mantém inapagavelmente a pyra sagrada do patriotismo, illuminando os nossos destinos.

Congratulo-me com o Ceará e com todos vós pelo acontecimento, que hoje commemoramos, o qual, sob o mais auspicioso horóscopo, abriu para nossa terra uma nova era, plantando uma semente promettedora de ampla e opulenta messe, dos mais sasonados e abençoados fructos de civilisação; e agradeço ao mesmo tempo a distincção com que me honraram convidando-me especialmente, como comparte,

para esta celebração festiva no meu caracter de veterano dos bons e pugnacissimos combates da imprensa jornalistica.

Captando ou melhor detectando as irradiações e as vagas ethereas das minhas recordações, impregnadas de dôr, de melancholia e de saudade, que vem das profundezas do meu passado na imprensa, ellas trazem-me como que uma claridade occulta, a qual não me faz descrer dc nosso futuro; e no frio da velhice sinto o calor da esperança, na vibração de um rythmo, de um accórde, de uma harmonia, como esta sympathia, que os physicos chamam resonancia. E ellas me dizem tambem como estimulos e admoestações imprecatorias:

Velhice não quer dizer indifferença, não quer dizer inercia. A velhice tem vida e a sua vida pode servir de holocausto.

Onde ha um sopro de vida, ha um elemento de lucta.

Os grandes sentimentos remoçam, dão vigor, impulsionam. O fumo das batalhas pode ennegrecer os cabellos brancos.

A coragem não é um producto dos verdes annos, é fructo do caracter, é a resultante da educação feita pelos mais elevados sentimentos do bem, seja qual fôr o nome que tenha.

Não se avalia o patriotismo pelos annos, que contam os individuos. O patriotismo não envelhece, é mocidade eterna, e só envelhece nos cobardes.

E estes brados de animação, se não são valorosos, conforme minha vontade, tem sem duvida a efficiencia de um dever imposto pela consciencia, que juntos operam milagres.

Eis a explicação de minha presença neste convivio, sahindo do erimiterio, em que me tenho enclausurado, como um asceta de nova especie, pois ninguem mais do que eu tem melhores e mais justos motivos de regosijar-se no dia de hoje, primeiro centenario do primeiro jornal que surgiu nestas plagas, ardentes de sol e de generosidade, no nosso Ceará, nome fulgido, signo vexillario da maior transformação social que se operou no paiz e que, pobre como é, mate-

rialmente fallando, possue em si todos os thesouros que enriquecem um povo.

E' ainda o passado que nos falla e o passado pela historia é uma resurreição, é uma revivecencia, é uma palingenesia.

Orgulho-me de ser no paiz um dos mais antigos republicanos, actualmente existentes, um sobrevivente da legião intemerata e intimorata dos precursores, dos luctadores, que se chamaram Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Salvador de Mendonça, Luiz de Abreu, Flavio Farnese, Aristides Lobo, Pedro Ferreira Vianna, Bandeira de Gouveia, Francisco Cunha, Bittencourt Sampaio, José Maria, Christiano Ottoni e outros mais.

Sob a minha direcção e redacção publiquei treis periodicos de propaganda republicana: "O Barrete Phrigio", "A Tribuna do Povo", e "A Voz d'America". Publiquei treis pamphletos, a saber pelas suas denominações: "Tiradentes", "Palavras de um Revolucionario" e "Peregrinos da Democracia," todos envoltos no sudario do esquecimento, que é a peior de todas as mortes, a morte dos que ainda vivem e a morte em duplicata dos que já morreram.

O meu primeiro vagido na imprensa jornalistica, era então um menino, foi um grito de Republica, n'um artigo inserto no "Jornal de Fortaleza", artigo que tinha por conclusão as seguintes palavras, que peço licença para reproduzir: "Assim como Catão, o Romano, terminava no Senado os seus discursos com esta apostrophe—deve-se destruir Carthago—eu finalizarei dizendo—deve-se destruir a monarchia".

Antes, porém, ainda mais creança, e por occasião das exequias solennes celebradas por alma de Theophilo Benedicto Ottoni, na cidade de Aracaty, proclamei, em discurso proferido por mim, que se pode ler no "Cearense," a necessidade indeclinavel de ser esmagado o bi-cephalo monstro sceptro-espada.

E a Republica veiu.... silenciemos.

Quizera ser, se assim podesse, Epimenides de Grosse, em sua caverna ou então aquella estatua do somno de

Michel Angelo com a sua famosa inscripção: Deixai-me dormir emquanto reinam a corrupção e a miseria!

Nasci na imprensa, posso assim dizer, passei nella toda a minha mocidade e virilidade, infelizmente. porém, nella não envelheci, como desejava, e não posso nella morrer, profundamente descrente, como me acho, dos homens e das coisas.

Nas minhas pugnas renhidas e sem treguas sempre pensei, e sempre bradei, que, nesta terra americana, emquanto existisse rei, carrasco e escravo, triade maldita, a liberdade seria uma mentira.

Illudi-me e ainda rolo sem cessar sisyphicamente o rochedo do desengano.

Supprimimos o rei, mandando-o para o exilio, onde teve, é de justiça confessar, verdadeira magestade, a magestade do patriotismo, e temos muitos reis, cada qual com poder pessoal maior; proscrevemos a pena de morte e portanto o carrasco, e os algozes do povo por ahi pullulam despoticamente; abolimos a escravidão e continuamos escravos brancos, servos de uma nova gleba, ilotas miserrimos de uma politicagem infanda e nefanda. O povo só tem um direito —de succumbir na guerra ou de envilecer na paz.

Quanto me entristece o dizel-o!

Desculpai-me a linguagem. E' o amor da Patria, que me faz assim fallar e, como sabeis, o amor não é só doçura, é também a palavra, cheia de indignação, que, como um latego, sabe flagellar os mercadores do templo da democracia sã e pura, que só inspira alto heroismo e não consente jamais infimas baixezas tyranicas.

O jornalismo fez a Republica. E' uma affirmação logica dos acontecimentos, que a historia acceita e ha de registar. A Historia não é só um magisterio, é uma magistratura. Ensina e julga.

Se não fossem as palavras, quaes raios fulminantes, de Ruy Barboza, o Jupiter Tonante do "Diario de Noticias," a monarchia não teria cahido, em 1889, entre rufos de tambores e clangores de clarim.

Feita a Republica, não os homens da undecima hora,

na phrase de Macaulay, mas os homens da hora seguinte, como digo eu, idiolatras, salteadores de posição, plurimonarchisaram-n'a, militarisando-a, commercialisando-a.

Não podemos confundir estatuas de marmore pentelico, esculpturadas com o cinzel de artistas consumados, com estatuetas de gesso, plasmadas pelas mãos de artifices sarrafaçaes.

Ruy Barbosa, então, concentrou em si, como um espelho ustorio, a combustão solar de todo um passado, vindo da imprensa.

A Republica feita, immediatamente desfez-se, como forma perfeita e acabada. E para refazel-a, é hoje a missão da imprensa.

A nação não é um grupo de homens, é um aggregado de grupos, é uma totalidade soberana.

Se é uma totalidade, a opinião geral, que deve ser a dominadora, não poderá deixar de ser a sua expressão concreta.

Assim, para que a Republica, além de ser um facto brutal, uso de uma phrase de Pascal, seja uma verdade, uma realidade substancial viva e vivificante, se faz mister que ella seja a propria nação, em sua soberania.

A soberania só tem uma voz—é o suffragio, e o suffragio para que seja um triumpho, cumpre ser a maioria legitima, livremente consultada e livremente pronunciada.

Pronunciando-se o povo, com plena liberdade, sem entraves e sem oppressões, a sua decisão é sagrada.

A soberania do povo é o primeiro artigo de fé do seu decalogo, principio que resume todos os mais.

Possuimos o nome, a coisa jamais.

A Republica, por si só, ou melhor por seu proprio nome, não é dynamo productor e multiplicador de energias, não é uma cidadella de pensamentos, um cenaculo de sentimentos, uma geratriz de idéas-forças que cream novos estados d'alma, novos rumos, novas tendencias.

A Republica não é uma obra litteraria, um poema, uma visão dos tempos. Não se faz e nem se pode fazer

como uma obra d'arte. Não é um artefacto de laboratorio politico-industrial.

A Republica precisa ser util, ser uma coisa pratica e praticamente executada; e para isso é preciso ser amada por todos e por todos acolhida com carinho.

Fórma somente não basta, como não basta o corpo sem a vida, que é o principio. Fórma somente, sem o principio, é igual ao cadaver. Dahi a decomposição, a fermentação putrida.

Ha putrefações sociaes. As sociedades são cadaveres tambem quando lhes falta a alma vivificante. Galvanismo, embalsamamento imita a vida, mas não é a propria vida.

Dir-me-ão: os cadaveres são immobilidade e as sociedades agitam-se sempre. Os cadaveres não são immobilidade senão na apparencia. Ha trabalho em todo elle e trabalho continuo e incessante. E' o trabalho, é o movimento dos vermes, na sua faina propria. O processo de decomposição tem estadios, tem phases de evolução, tem augmento.

Não descuremos o criterio que nos offerecem as coisas no seu evolver perennal e fecundo e nas licções magistraes, que nos dão.

Notamos com pesar que quasi todos os que se dizem republicanos e fallam em nome da Republica são um mixto incomprehensivel de contradicções flagrantes e vivas.

Affirmam as liberdades em todos os sons, e negam-n'as em todos os tons, e sem o quererem, por uma teratologia singular, são Christo nas palavras e Judas nas acções.

Pregam o amor e a concordia e só vemos o odio e o dissidio. Pregam a lealdade e a dedicação e só vemos a trahição e a philaucia. Pregam a verdade do systema e não vemos senão a mentira, a não ser que a mentira seja a verdade. E' a oração na bocca de Satan.

Liberdade de consciencia, mas a consciencia somos nós; liberdade de palavra, mas a palavra é a nossa; liberdade de crenças e opinião, mas a crença é o nosso credo, a opinião é a nossa; liberdade de associação, desaggregando e dissolvendo pelos mil modos, que a astucia engendra; liberdade de voto, convertendo a urna em tonel das Danaides

ou em caixa de Pandora; liberdade de pensamento, mas deveis pensar comnosco; liberdade de tribuna com a mordaça; liberdade de imprensa, com a censura dos esbirros e o sabre da policia; emfim, nem como um simples exercicio de puericultura, temos soberania.

Só nós nos podemos manifestar, só nós podemos crer, amar, esperar e gosar. Somos o progresso, a civilisação, a cultura. Temos a honra de ser o famoso carro indiano, será esmagado aquelle que ousar collocar-se deante delle.

Progresso quer dizer audacia, civilisação impudôr, cultura ambição de parasitas e bohemios.

Não podeis ter crenças, principios, idéas, sentimentos que não sejam os nossos, somente os nossos, e eis a liberdade fadada para fazer a felicidade de um povo.

Republica assim comprehendida é apenas um Tammany de interesses inconfessaveis, de viltanças, maroscas e chatinarias que procuram guardar nas casernas e nos thesoiros. Nada de bondade, nada de clemencia. nada de tolerancia, nada de bem estar geral. Em vez de uma acropole, é uma necropole.

Republica é a liberdade para todos, sem distincção alguma, não para poucos especificados; é a *demos*, não é tropa e nem tropilha, por mais dignos e dignas que sejam.

O alfange de Mahomet nunca poderá ser a espada da Justiça o nem balança de Justiça poderà pesar a de Brenno, o gaulez.

Batem no peito pela liberdade, movem os labios para louval-a e engrandece-la, o coração, porém, só pulsa pela escravidão, sob todos os seus aspectos, pelo predominio de seus interesses, que, amplificados e intensificados, organisados e systematisados, chamam Republica, por uma irrisão euphemica.

Cobrem-se com o manto de Tartufo e chamam esse manto toga inconsutil de um salvador.

Cumpre ao jornalismo hodierno democratisar a Republica, como sua funcção primacial, como deve ser comprehendida, como deve ser realisada de modo positivo, de accôrdo com as tendencias dos tempos modernos.

A democracia é incompativel com os povos não civilisados, pois ella vem da cultura intellectual, moral, economica, social e politica; e quando exercida fielmente, sem falsificação e nem adulteração, é o governo mais facil e mais util.

A democracia, convençam-se todos, não é o dominio das nullidades e das mediocridades. E' o dominio dos superiores. E' uma selecção pelo povo, isto é, dos melhores que o podem servir.

As intelligencias e as virtudes são seus elementos de vida e de todas as suas conquistas e victorias.

Os melhores, isto é, os mais aptos, os mais competentes são os seus naturaes e mais legitimos dirigentes

Os maiores inimigos da democracia são a ochlocracia e a estratocracia, o governo das multidões e o dos militares. De um vem a demagogia, do outro o cesarismo. A sciencia repelle ambos, a Historia condemna-os. Jacobinismo e pretorianismo não tem razão de ser. São contrarios ao direito.

Só uma espada deve dominar, da justiça.

Eis, meus senhores, o que hontem, moço, cheio de seiva vital e pujante de aspirações, eu pregava no apostolado da imprensa jornalistica, como dogmas de um symbolo, e assim tambem quando subia á tribuna popular, que se erguia então para mim como uma montanha sagrada. Não olhava sacrificios e todo e qualquer que viesse seria para mim uma oblação.

E' certo que todo o Thabor transfigura e todo o Golgotha redime.

Acreditava que a Republica, como um Thabor e como um Golgotha, transfiguraria e redimiria a Patria. E a minha crença, tal qual dealbava-se na mocidade, ainda perdura immutavelmente em meu espirito, inabalavel e indefectivel como uma força cosmica.

Hoje, já velho, no crepusculo da existencia, avisinhando-se a noite eterna e insondavel do alèm mysterioso, pleno de incognitas, subindo de novo á tribuna, em homenagema ao jornalismo, sinto-me ainda com aquella força vulcanica, que outr'ora irrompia impetuosa para pregar a Republica. E' que o crepusculo vesperal tem arrebóes rubros, que são ver-

dadeiras explosões de luz. O sol ainda esplende e Vesper surge para guiar os peregrinos que não cansam na estrada de sua jornada, firmados no bordão do patriotismo.

O que domina nesta augusta ceremonia é a propria alma collectiva dos jornalistas que passaram e nos deixaram um cyclo, uma etapa decisiva para a concretisação victoriosa de um ideal superior de paz e confraternisação; são os jornalistas que desenvolveram e aperfeiçoaram os apparelhos praticos de nossa mentalidade, através das suas multiplas e variadas modalidades, aspectos e adaptações, dando-nos exemplos vivos e seguros de energia e coragem, creadoras, organisadoras e distribuidoras de novas forças, pelas virtudes efficientes da moral e do civismo; são os jornalistas que perquerindo todos os grandes horisontes, não obstante trajectorias asperrimas, se orientaram pela agulha imantada do dever, attrahida pelo pólo magnetico da verdade; são os jornalistas que souberam sempre voar para o alto e souberam marchar sempre para frente; são os jornalistas que sonharam com o progresso pela ambição de verem a Patria feliz; são os jornalistas, emfim, que vingaram todas as culminancias e todos os fastigios das civilisações de seus tempos pela fé inquebrantavel das mais elevadas concepções sociaes e politicas.

O jornalismo tem sido uma constante ascenção para o bem da humanidade, através dos astros eternos e esplendorosos do direito, da justiça e da liberdade; tem sido o sensorium commum, considerado como fóco intellectual e central onde terminam todas as sensações do mundo inteiro.

E o jornalista, como cidadão do mundo, desta cosmopolis de idéas e opiniões, como o porta-vóz da consciencia universal, disseminando a flux os bons germens e juntando, na colheita do labôr, o disperso dos seus fructos beneficos, na unidade moral da civilisação, que só tem amôr e não tem odios, não pode jamais fugir, sem mentir o passado e attentar contra o futuro, de contribuir pora a vastissima e continua elaboração do espirito humano, em todas as suas affirmações, em todas as suas construcções, em todas as suas vindicações e reivindicações.

Salve! jornalistas do mundo inteiro. Salve! jornalistas de minha terra!

Não me é dado e nem o ensejo é propicio para largamente e historicamente fazer o elogio da imprensa jornalistica, desta suprema transformadora das sociedades, desta grande collaboradora da magna obra da justiça universal, desta invencivel conquistadora da liberdade e de suas infinitas aspirações, cuja missão e expansão, no tempo e no espaço, na exegese da sciencia e na apologetica da historia, tem sido toda de paz e de amòr, de concordia, de confraternisação e de solidariedade.

Só a imprensa jornalistica pode proclamar, paraphraseando o dito de Carlos V, nos meus dominios o sol da intelligencia não se põe.

O que é para o navegante o pharol, é para o governante politico a imprensa. O povo é tambem um oceano. Tem tempestades, que devem ser previstas, pelo conhecimento de sua trajectoria devastadora, tem escolhos, que devem ser huminomemente assignalados.

Assim, a imprensa jornalistica é o pharol sempre acceso na maior altitude do pensamento humano, cujo campo de illuminação abrange o mundo inteiro e cujo raio de visibilidade permeia o futuro.

Fallar da imprensa jornalistica ainda que em rapidas condensações syntheticas faz-me evocar reminiscencias que me despertam fundas saudades: batalhei, batalhei nos seus campos interminos, em prol dos grandes principios republicanos e das grandes ideas sociaes, de pé e de cabeça descoberta, como os antigos gladiadores; e hoje num sonho de consolação, nas horas de descrença e desalento, eu contemplo ás vezes, immaculada e bella, esta visão do meu passado que me surge como o ideal de minha mocidade ardente, impetuosa e avida de futuro; e na mesma fé, que me queimou os labios como a brasa do propheta, annunciando a verdade, eu oiço o entoar o psalmo da esperança e ainda a considero—o ciborio onde habita o verbo da democracia transsubstaciado no typo, que se me afigura a hostia civica para a communhão geral dos povos.

Creio na omnipotencia politica da imprensa, creadora da opinião, redemptora das nações e paracleto dos governos.

Em nome do passado, que hoje se levanta como um epinicio, um hymno homerico; em nome do presente, que falla com a grandiloquencia de uma videncia prophetica; em nome da posteridade, que de longe nos chama e nos abençòa, como uma apotheose olympica; exultemos e nos congratulemos; e deante de ti, ó Patria, mãe uberrima e dulcissima, nós, como filhos e irmãos abraçados num só amplexo e unidos num só pensamento, nos ajoelhamos e cantamos unisonos os teus louvores numa adoração constante e perennal de amôr do amôr, que vence todas as mortes e conquista todas as immortalidades.

O primeiro centenario do jornalismo do Ceará

A IMPRENSA conterranea commemora, hoje, com festas o centenario do primeiro jornal, que se imprimiu neste Estado.

Trata-se do »Diario do Governo do Ceará», que, precisamente no dia de hoje, ha 100 annos, foi dado á publicidade.

Foi seu primeiro redactor o Pe. Gonçalo Ignacio de Loiola Albuquerque e Mello Mororó, que se celebrisou nas lutas liberaes da epoca e pagou, com a vida, o amor aos seus nobres idéaes.

Tinha esse numero do *Diario*, de cuja primeira pagina damos aqui o *fac-simile*, 20 centimetros de comprido sobre 14 de largo, custando $040.

O primeiro jornal cearense nasceu cerca de 16 annos mais tarde do que o primeiro periodico brasileiro, que foi